

EHRENBREITSTEIN

Podemos chamar a esta fortaleza a Gibraltar do Reno. Construída na margem direita d'este rio, defronte de Coblentz, liga-se por uma ponte de barcas com esta cidade, cujo systema de defesa completa. Está edificada pelo systema Montalembert, e o seu forte principal compõe-se de duas e tres

fileiras de baterias casamatadas, abobadadas e sobrepostas umas ás outras. A cidadella póde receber uma guarnição de quatorze mil homens. Nos seus immensos armazens cabem provisões de todo o genero, sufficientes para abastecerem á farta uma guarnição de oito mil homens por espaço de dez annos.

Segundo todas as probabilidades, o sitio em



Ehrenbreitstein

que esta fortaleza campeia era no tempo dos Romanos um ponto fortificado. Se o era effectivamente, só no seculo XIII foi reconstruído pelo arcebispo de Treves Herman, d'onde lhe veio o nome de Hermanstein. No decorrer do tempo foram-se-lhe desenvolvendo as fortificações, de fórma que já na guerra dos trinta annos era uma posição importante. Em 1798 esta fortaleza foi investida pelos francezes, enquanto principiavam as negociações no congresso de Rastadt, que terminou, como é sabido, pelo assassinio dos plenipotenciarios de França. Desfeitas, por conseguinte, as esperanças de paz, que o tratado de Campo-Formio imposto por Bonaparte aos Austriacos inspirara á Europa, continuou o bloqueio da fortaleza de Ehrenbreitstein, que no fim de quatro mezes se rendeu por falta de subsistencias. Ainda então não existiam os famosos armazens de viveres em que fallámos. Em 1801 desmantelaram-na os vencedores.

Em torno das fortificações da cidadella espraia-se uma cidade do mesmo nome, centro de um grande commercio, que principalmente consiste em vinhos. No seculo XVII era esta cidade conhecida pelo nome de *Milheim in Thall*. Depois chamou-se Philippsthal. Hoje tem o nome de Ehrenbreitstein. Possui uma nascente de agua ferrea, e um palacio que foi em outros tempos residencia dos eleitores de Treves, e que hoje está convertido em armazem militar.

Ora em 1803, quando se tratou de serem secularizadas as possessões ecclesiasticas da Allemanha, para serem distribuidas como indemnisação aos principes, privados dos seus territorios pela invasão da França consular que chegára aos seus tão ambicionados limites do Reno, em 1803, pois, foi esta cidade de Ehrenbreitstein com a sua fortaleza dada como indemnisação ao principe de Nassau-Weilbourg. Em 1815 o congresso de Vienna en-

tregou-a à Prussia, que mandou reconstruir as fortificações, e que as levou ao estado de aperfeiçoamento em que hoje estão. Essas obras empreendidas em Ehrenbreitstein desde 1815 custaram ao governo prussiano mais de dezoito milhões de francos.

Mas o que mais deve agradar ao pacífico *touriste* do que este apparatus guerreiro é saber que do alto dos baluartes da cidadella se desfruta a vista de uma das mais esplendidas paizagens do Rheno, que é n'ellas tão fertil.

A PENNA D'AÇO (1)

A penna d'aço é a causa final dos males que opprimem actualmente a sociedade inteira. Ha não sei em que poeta uma eloquente imprecação contra o primeiro que açacalou o ferro, e que fez uma espada d'essa massa inerte, mas por Deus! maldito seja e cem vezes mais maldito o primeiro que fez do ferro uma penna! Quem fabricou a primeira espada concorreu apenas, por fim de contas, para matar corpos, quem fabricou a penna d'aço matou a alma, assassinou o pensamento! Vil scelerado que armou a especie humana com um estylete mais formidavel do que todos os punhaes envenenados da Italia!

Basta comparar a penna d'aço de que actualmente nos servimos com a benevola penna de pato, de que se serviam os nossos bons e amáveis avós. A penna d'aço, essa invenção moderna, produz-nos immediatamente uma impressão desagradavel! Tem uma incrível semelhança com um punhalsinho imperceptivel molhado em veneno. O bico é aguçado como uma espada; tem dois fios como a lingua de um calumniador. A esse bico junta-se um cabo, um pedaço de madeira sêcco, disforme, e nú, que nos magôa a face enquanto a nossa mão se trilha cruelmente á força de carregar n'esse ferro, que em torno de nós range, escarrando no papel o nosso pensamento. Na penna d'aço tudo é rude, triste, severo, e faz-nos frio na vista e na mão.

Mas a penna de pato, pelo contrario, essa é que é uma facil e querida confidente dos nossos mais predilectos pensamentos! Associa-se a mil felizes e benevolas recordações. Vimol-a espanjar-se brandamente no cristal do lago ou enxugar-se ao sol, resplandecendo com a luz de mil perolas; essa penna é prima-co-irmã da macia pluma em que recostámos á noite a cabeça; o animal d'onde saio deu-nos os seus ovos e os seus filhinhos; não nos póde ella trair. Que differença no duplo aspecto d'esses dois instrumentos da idéa, que sem razão têm o mesmo nome. A penna de pato é alva, nitida, leve! O seu canudo flexivel freme de prazer entre os dedos que anima. A sua rama affaga ligeiramente a face; o bico docil presta-se a todas as combinações do estylo; caminha de manso, sem esforços, sem um só d'esses horriveis escarros e gritos da penna d'aço. A travez d'esse limpido canal parece-nos que vemos

(1) Este formoso artigo, este delicioso e curto folhetim, cuja traducção apresentamos aos nossos leitores é da penna illustre do celebre escriptor francez Julio Jnin.

as nossas idéas descerem devagar e em boa ordem, como devem brotar d'uma cabeça bem formada.

O menor inconveniente da penna d'aço é estar sempre e a todos os instantes prompta a escrever sobre todos os assumptos. Não agarrámos nós a penna d'aço, é ella que nos agarra; segura-nos pela redea, obriga-nos a seguil-a. É andar, correr para a direita e para a esquerda, por montes e por valles. É a machina de vapor do pensamento! A medida que a nossa mão se cança e se irrita por ter de segurar n'este horrivel estylete, o nosso espirito irrita-se tambem e exalta-se involuntariamente; fica sendo a um tempo mais irreflectido, e mais despiedoso. Perguntámos porque é que fulano, de genio tão meigo e amavel, é terrivel e sem piedade com a penna na mão? Escreve com penna d'aço! Porque é que aquelle pobre homem que outr'ora se entretinha em pescar á canna, e em tomar banhos de calçotas, hoje se compraz em escrever obscuras e ignôbeis calumnias, que não divertem pessoa alguma, e o horrorisam e lhe repugnam a elle mesmo? É a influencia da penna d'aço! Fallam da polvora, dos foguetes á congrève, das cartas constitucionaes! tudo isso são insignificancias comparadas com a penna d'aço.

Mas a penna de pato! a penna de pato, pelo contrario, é a penna que gera as obras primas. Devemos-lhe os mais bellos livros que teem honrado o espirito humano; é a mãe da reflexão. Graças á penna de pato, era o homem outr'ora obrigado a escrever o seu pensamento com prudente vagar, e esse vagar era a origem de mais apurada belleza de estylo. A penna de pato, longe de estar prompta sempre como a penna d'aço, exige mil pequenos preparativos. Em primeiro lugar temos de a aparar com as nossas proprias mãos, e é esse um momento solemne no nosso trabalho. Enquanto afiámos o bico da penna, o nosso pensamento afia-se tambem; vamos procurar a idéa no fundo do cerebro, assim como vamos procurar a medulla da penna; quando a penna está aparada, precisámos de a experimentar antes de começarmos a escrever, e é mais uma pequena demora de que o nosso pensamento se aproveita; se o nosso pensamento ainda não está bem nitido, se não vemos d'um relance, o que é a primeira condição d'um escriptor, o principio, o meio, e o fim do nosso discurso.

Bem sei o que alguns espiritos me podem objectar em favor da penna d'aço. Descende, dirão elles, do estylete antigo. *Sape stylum vertas*. Mas que pessima e fallaz defesa! O estylete antigo trachava as letras n'uma camada de cera, que lhe amortecia a furia, a penna d'aço não encontra o mínimo obstaculo; obrigado a abrir caminho n'essa camada resistente ia elle a passo; ella corre a galope. Com muito custo gravava elle algumas linhas, que era facil apagar voltando contra as letras o outro bico da penna; a penna d'aço grava no papel, como se gravaria em cobre, e nunca retrocede. É uma improvisação que não sabe nem apagar-se, nem corrigir-se, nem suspender-se;

tem de caminhar, sem attender aos erros, aos crimes e ás calumnias que deixa pela estrada.

Dizem-me que grandes genios (que mereciam um tiro) se estão occupando de aperfeiçoar a penna d'aço! Aperfeiçoar a penna d'aço. Deus do céu! Oh! desgraçados, com que fim? Consistirá esse aperfeiçoamento em encontrar uma penna, que levasse consigo e distillasse a tinta. Por esse meio uma nova rapidez se ajuntaria a esta rapidez já assustadora; a mão do escriptor ficaria constantemente pregada no papel, sem que o espirito podesse dispôr sequer do pequeno intervalo, que ainda separa a penna d'aço do tinteiro onde se embebe. Se caímos n'esse progresso, acabou-se! está proximo o fim do mundo, o espirito humano fica sem defesa contra os seus proprios excessos, e a sociedade, invadida de subito por uma improvisação sem fim, sem termo, e sem contrapezo, voltará á grande confusão de Babel! Na verdade não conheço perigo mais terrivel do que o progresso!

ACADEMIA DO CACHIMBO

Com este nome se designava a roda das pessoas mais da intimidade de Frederico II da Prussia que se reuniam quasi sempre depois das cinco horas da tarde nos quartos particulares de Sua Magestade em Berlim, em Potsdam ou em Wiesterhausen. A Academia compunha-se, dos officiaes do estado maior de Frederico, dos sabios que passavam por Berlim, de alguns fidalgos, e tambem de plebeus honrados e instruidos. Não mettemos em conta os bobos da côrte, ou os que consentiam em serem tratados como taes. Os estatutos da Academia obrigavam os seus membros a fumarem enquanto duravam as sessões ou pelo menos a terem um cachimbo na boca.

Cada membro tinha diante de si um jarro de cerveja; de quando em quando circulavam fatias de pão com manteiga, e para o fim da noite servia-se vinho, que se podia beber á vontade. N'essa extravagante Academia liam-se e commentavam-se os jornaes, faziam-se reflexões sobre os acontecimentos politicos do dia, e contava-se quantos boatos andavam pela cidade. As vezes transformava-se a Academia n'uma assembléa de senhoras visinhas; os ditos mordazes, as chalaças grossas cruzavam-se no ar sem que el-rei com isso se escandalisasse.

Os estatutos da Academia não permittiam que membro algum se levantasse á entrada de qualquer pessoa, ainda que fosse el-rei. Os unicos jogos permittidos eram o xadrez e as damas. Esta Academia tinha uma grande importancia, porque era no seu seio que el-rei e os ministros fallavam com mais desaffogo dos negocios politicos. Os embaixadores das côrtes estrangeiras procuravam sempre saber o que se dizia, para informarem com exactidão as suas côrtes.

Acabaram as sessões d'esta Academia, porque um dos seus membros esqueceu-se uma vez dos estatutos, e levantou-se vendo entrar o principe

real. El-rei enfureceu-se tanto que logo saio da sala, e nunca mais os Academicos do Cachimbo tiveram licença para se reunirem nos seus aposentos.

Não era esta uma das menores extravagancias d'esse rei a quem a historia deu o titulo de grande.

CERVANTES

Em que circumstancias foi composto o romance de Don Quichote

Não é de hoje que se pergunta porque motivo, entre tantas aldeias hespánholas, Argamasilla foi a escolhida por Cervantes para ahí collocar o domicilio do immortal Don Quichote. Com suas ruas limpas e regulares, seus encantadores arrabaldes, Argamasilla devia inspirar-lhe lembranças agradaveis. Não disse elle na sua obra que queria esquecer aquella risonha terrinha? O grande homem era um ingrato; foi Argamasilla que o immortalizou; mas em compensação elle eternizou-lhe o nome. No nosso seculo de investigações, tudo se descobre com os annos; e é a um poeta muitas vezes inspirado, que é tambem um sabio, Eugenio Hartzenbusch, que devemos o saber em que circumstancias foi escripto o livro illustre que fez rir até Philippe III.

Apertado pela pobreza, Cervantes aceitara um lugar na administração militar; era fiscal do exercito; mas nem tudo era rosas n'aquellas funcções: via-se obrigado muitas vezes a usar de certos meios de violéncia para os pagamentos andarem em dia. Devem-se desculpar algumas distracções a um homem tal como Cervantes; a verdade, porém, força-nos a dizer que, usando contra certos habitantes de Argamasilla, nem sempre redigira com bastante regularidade as sentenças de execução. A justiça do lugar valeu-se de algumas d'estas faltas para mandar prender o pobre Cervantes, que, no momento, não passava de um auctor de comedias pouco conhecido. Foi, pois, agarrado pelos alguazis da villa e encerrado na casa de um certo Medraño, que, á falta de outra mais propria para alojar os presos, servia então de cadeia. Ora, o que por muito tempo se ignorou, é que o principal motor d'esta prisão fôra um tal Don Rodrigo Pacheco, cavalleiro mui distincto (segundo elle se dizia) cuja modesta habitação estava cheia de brazões por todos os lados, e que se havia extremamente irritado por Miguel Cervantes, desprezando as considerações que se deviam a um fidalgo tão fidalgo como elle, ter feito um requerimento contra uma sua irmã ou uma de suas primas. N'este ponto, os biographos não estão todos de accordo. Navarrete attribue a vingança de Pacheco a uns chascos que o fiscal teve a ousadia de dirigir-lhe. Todos, porém, são unanimes em dizer que Don Rodrigo não tinha o juizo muito são, que houve mesmo uma época em que elle andou com o cerebro muitissimo desorganizado.

No côro da igreja parochial de Argamasilla, do lado do evangelho, vê-se ainda um altar com o seu retabulo dourado, obra de marcenaria remon-

tando, sem duvida alguma, ao tempo de Philippe III, retabulo cujo fundo, formado de uma tela pintada a oleo, mostra uma Nossa Senhora subindo ao ceo entre os anjos. Na parte inferior do quadro, estão uma dama e um senhor, ao que parece, nobre: ella, joven; elle, de idade um pouco mais madura, tendo o rosto comprido e estreito, olhos esgazeados, bigode com grandes guias, e a quem não iria mal o nome de cavalleiro da triste figura. Na parte superior, em um ornato que apresenta o retabulo, lê-se, em caracteres pretos sobre fundo dourado, a seguinte inscripção, que facilmente se decifra, não obstante muitas letras estarem a cavallo umas nas outras:

«Nossa Senhora appareceu a este cavalleiro, quando foi atacado de uma gravissima doença e abandonado pelos medicos, no dia de S. Matheus do anno 1601. Tinha-se encommendado a Virgem, e promettera-lhe uma alampada de prata, acclamando-a de noite e de dia, em razão da grande dôr, que sentia no cerebro, proveniente de um resfriamento.»

Era talvez este cavalleiro anonymo (Don Rodrigo Pacheco) que Cervantes transformou em fidalgo da Mancha; o resfriamento que lhe caíra no cerebro era naturalmente a insigne doudice (gravissima doença, na verdade) da qual o paciente se achava atacado. Além d'isso, existem ainda na extremidade da villa certas ruínas de antigas habitações onde se elevam unicamente algumas restos de paredes: era alli que se achava a morada de Don Rodrigo, ou, se o querem, a casa de Don Quichote. «Mostra-se mesmo ainda a abertura da janella do quarto onde Cervantes depositou os livros do digno fidalgo. Mas se o tempo, ao qual nada resiste, destruiu a casa do gentilhomem a quem Cervantes offendeo, a que a este servio de prisão existe ainda de pé, se bem que o corredor que conduz ao pateo esteja maltratado e quasi que em ruína. O resto da construcção subsiste e parece duravel.»

Alli, em um lugar obscuro, a cuja minuciosa descripção pouparemos os nossos leitores, foi concebido o *Don Quichote*; alli foram creados os personagens tão vivos que animam este immortal romance. Para todo o hespanhol um pouco zeloso das glorias litterarias do seu paiz, a triste casa de Argamasilla tornou-se um lugar venerado, e quizeram prevenir a sua destruição, como ultimamente preservaram das injurias do tempo o pequeno convento da Arrabida, lembrando-se que Christovam Colombo, opprimido de cansaço, alli fôra pedir uma gota de agua para seu filho, e onde achou, graças ao grande coração do bom Marchena, uma nova porta aos seus vastos projectos.

O infante Don Gabriel tornou-se possuidor da pobre casa de Argamasilla. Auxiliado por um dos escriptores mais estimados da Hespanha, Rivadeneira fez transportar para a antiga casa de Medraño todo o material de uma imprensa, e, na pequena camara obscura onde acordou o genio de Cervantes para illuminar repentinamente o mundo

da fantasia, fez-se uma edição do seu livro. Este *Don Quichote*, revisto por Hartzbusch, é um primor typographico, e pôde mesmo dizer-se um primor de critica.

Sabe-se que tres edições primitivas saíram, em vida de Cervantes, dos prelos de Cuesta. A primeira de todas, a de Madrid 1603, não pôde ser vista pelo auctor, que ao tempo residia em Valladolid, e saio com muitissimos erros; a segunda, publicada igualmente em 1603 por Cuesta, não foi melhorada; o illustre escriptor não havia deixado a sua antiga residencia, e além d'isso estava dolorosamente preocupado com os mil cuidados da sua vida para se dar ao trabalho da inversão de tal ou tal capitulo, ou do nome escripto de dous modos differentes que elle dá á mulher do malicioso Sancho. O effeito fôra subito; a hilaridade fôra completa entre um povo que ri pouco; o successo não podia ser duvidoso. Foi para a terceira reimpressão que Cervantes reservou os seus melhoramentos no texto, e é esta a que Hartzbusch e Rivadeneira reproduziram.

OS BUGIOS OU SÍMIOS

Os *bugios* ou *simios* constituem a primeira e a mais numerosa secção da grande familia dos *Quadrumanos*. São de todos os animaes os que mais se approximam do homem, já pela forma, já pela estatura; contudo, differem d'elle essencialmente, mesmo no ponto de vista anatomico. Os *bugios* teem o focinho um tanto prolongado, o nariz um pouco saliente, o corpo ordinariamente refeito e os membros habitualmente delgados. A face, quasi sempre nua, é ás vezes colorida de preto ou de vermelho, ou malhada de branco, encarnado, azul. O pello que lhes cobre o corpo tem um *facies* particular, e distingue-se em muitas especies do dos outros mamiferos. As cores são, ora elegantes e vivas, ora tristes e uniformes e ennegrecem com a idade. Entre muitos, estes pellos fornecem ornamentos variados simulando crinas, cabelleiras, pennachos, corôas, barbas, etc.: os da cabeça dos orangotangos teem a mesma implantação que os do homem. O craneo é quasi sempre arredondado, e o angulo facial, muito variavel, está longe de exprimir com exactidão o seu grau de intelligencia. Além d'isso, a grandeza d'este angulo varia muito entre a idade nova e a adulta ou velha. A face curta nos novos, é muito mais proeminente entre os adultos. O cerebro dos Chimpanzês e dos Orangotangos é o que, pela sua forma, mais se aproxima do cerebro humano; mas, se bem que melhor organizado que o de certos idiotas, é contudo muito inferior, pelo volume e pela disposição, ao da nossa especie. Os *bugios* teem quatro mãos, todas com o pollegar opposto aos outros dedos, e servem-se de todas com extrema facilidade. Apesar d'isto, os pollegares das mãos de diante nunca são tão desenvolvidos como no homem, e as proprias mãos estão muito longe de terem a mesma habilidade. Em algumas especies, o pollegar está reduzido a um simples tuberculo, ou não existe. Todos os dedos teem unhas, chatas nos *bugios* superiores, mas que se vão tornando arqueadas á medida que se desce na série. A disposição das mãos inferiores, que não pousam no solo senão pela extremidade exterior, a estreiteza da pelvis, e a frouxidão da articulação dos joelhos não lhes permitem conservar por muito tempo a posição vertical: todavia, podem, especialmente ajudados por um pão, andar algum tempo n'esta posição, ainda que d'um passo mal seguro. São, pelo contrario, admiravelmente organizados para trepar, graças á flexibilidade de seus membros e ás suas mãos posteriores, que servem para agarrar os objectos do mesmo modo que as anteriores. A cauda é ou nenhuma, ou curta, ou longa, ou muita longa. Differe igualmente na forma, segundo a sua fraqueza ou força. Os



Bugios ou Simios

bugios de *cauda forte* ou *prehensil*, servem-se deste orgam como de uma quinta mão, com a ajuda da qual se suspendem nos ramos, equilibram-se e formam o salto; apoiam-se também sobre ella quando se assentam. Os bugios são essencialmente frugivoros; todavia o seu systema dentario approxima-se muito do nosso. Em cada queixo teem quatro incisivos direitos; os molares só teem, como os nossos, tuberculos obtusos e variam em numero dos simios do mundo antigo para os do novo. Quanto aos caninos excedem os outros dentes, e tomam um tal desenvolvimento, em algumas especies que exigem um espaço entre os dentes correspondentes da maxilla opposta para se alojarem quando a bocca se fecha.

Os bugios habitam nas florestas, onde vivem ordinariamente em bandos, e estão quasi sempre sobre as arvores. As femeas teem de cada vez um ou dous filhos que criam com grande ternura.

A intelligencia d'estes animaes é geralmente muito notavel; mas varia em extremo de um genero a outro na mesma tribu, de uma especie a outra no mesmo genero, assim como de uma idade a outra na mesma especie e no mesmo individuo. Em idade tenra, a maior parte são doces, intelligentes e faceis de domesticar. Envelhecendo, perdem todas as suas boas qualidades e docilidade. Esta mudança manifesta-se sobretudo entre os mais intelligentes, taes como os Orangotangos, Chimpanzês, Magós. Tornam-se tão turbulentos, tão perigosos, quão submissos e obdientes haviam sido até alli. É também muito para notar a variedade, a inconstancia, a finura dos seus instinctos, as manhas que costumam empregar para se apoderarem do que lhes agrada, a sua curiosidade e a tendencia para a imitação que os leva a reproduzir os nossos gestos e as nossas acções.

Os simios estão espalhados pelos paizes quentes e especialmente pelas regiões intertropicaes dos dous hemispherios. Mas as especies que habitam no antigo continente differem das que vivem no novo mundo. Por consequencia estes animaes estão divididos em duas grandes secções: *Bugios do antigo continente* e *Bugios do novo continente*. Os primeiros denominam-se *Catharrinios*, porque teem as ventas abertas abaixo do nariz, e levemente separadas uma da outra. Alem d'isso o seu systema dentario é composto, como no homem, de 32 dentes a saber: $\frac{1}{2}$ incisivos, $\frac{2}{2}$ caninos e $\frac{10}{10}$ molares. A cauda não é *prehensil* e apresentam quasi sempre callosidades ischiaticas. Em fim, teem muitas vezes *faceiras* ou covas nas faces, communicando com a bocca. Os segundos pelo contrario receberam o nome de *Platyrrhinios*, porque teem o nariz achatado com as ventas espessamente separadas uma da outra. O seu systema dentario compõe-se de 32 ou 36 dentes, mas com uma formula differente da do homem, mesmo quando identico o numero. Os dentes mo-

lares são em numero de 12 em cada queixo. Finalmente, nunca teem callosidades nem faceiras, em quanto que na generalidade a cauda é *prehensil*.

Os bugios do antigo continente formam cinco grupos ou familias, a saber: *Orangotangos*, *Semnopitecos*, *Cercopitecos*, *Macacos* e *Cynocéphalos*. Os do novo continente compõe-se unicamente de tres grupos: *Helopitecos*, *Gélopitecos* e *Hapalienses*.

O desenho que offerecemos aos nossos leitores representa um dos animaes que formam a quarta tribu dos *Quadrumanos catarrhinios* ou *Bugios do antigo continente*, chamada dos *Cynocéphalos*. A maior parte d'estes pertencem à Africa; algumas especies, porem, são proprias da Asia meridional.

A sua estatura, em geral, é, pouco mais ou menos, a de um cão grande. As pernas são pesadas e refeitas, pelo que teem menos agilidade que os bugios das tribus superiores. Os seus membros são fortes e vigorosos, a parelha anterior um pouco mais curta que a posterior e as pernas não teem barrigas pronunciadas. O focinho é muito allongado e como que cortado na extremidade, o que lhes valeu o nome generico sob o qual se designam. A face tem faceiras notaveis pela sua amplidão, e é coberta de pellos pouco espessos, cujo colorido varia segundo as especies. Uns apresentam cauda e outros não, e todos teem nas nádegas grandes callosidades. O seu aspecto é feroz.

Os *Cynocéphalos* não habitam sómente nas florestas; muitos preferem as montanhas ou collinas semeadas de rochedos; pois, o modo de andar dos quadrupedes lhes é muito familiar. Cada especie parece circumscripta em regiões distinctas.

Estes animaes vivem em bandos bastante numerosos que defendem pertinazmente, mesmo contra os homens, o accesso dos logares em que teem fixado o seu domicilio. Se bem que os caninos destes bugios sejam tão longos como os do tigre, nem por isso são carnivoros; o seu alimento é quasi inteiramente vegetal, e são um verdadeiro flagello para os pomares e jardins junto dos quaes habitam e que devastam com a mesma tactica dos cercopithecos. Emfim, a julgar pelos individuos em prisão, o seu caracter é assaz docil até a idade da puberdade, a partir da qual se tornam de uma extrema maldade, que os castigos não podem reprimir. A sua lubricidade adquire ao mesmo tempo proporções que se não encontram entre as outras especies de bugios.

A tribu dos *Cynocéphalos* divide-se muito naturalmente em tres generos, cujos trataremos em um dos proximos numeros: *Cynocépiteco*, *Théropitheco* e *Cynophalo* propriamente dito.

A FAMILIA DOS SAXE-COBURGO-GOTHA

Lisboa, ou antes os nossos reis acabam de ser visitados pelo duque Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha e por sua esposa a princesa do Brázil D. Leopoldina Theresa. Foi uma visita de familia, porque os augustos viajantes são parentes dos nossos monarchas.

A historia dos Saxe-Coburgo é uma historia curiosa, e para não largar mão do assumpto vou contal-a em resumo ao leitor do *Panorama*: poder-se-lhe-ia chamar a HISTORIA DE UM PEQUENO DUCADO E DE TRES CORÓAS.

Desdobrai um mappa da Allemanha e procurai attento um ducado microscopio, perdido nas fronteiras da Baviera. Tão pequeno é elle que o nome de Saxe-Coburgo o cobre em toda a sua extensão. Vivia ali no fim do decimo oitavo seculo um soberano allemão, que se presava de reunir debaixo do mesmo sceptro o principado de Coburgo; o principado de Saalfelde e um pedaço do condado de Henneberg. Cincoenta legoas quadradas, uma população de sessenta mil habitantes (exactamente a quinta parte da população de Lisboa), duzentos e setenta mil crusados

de rendimento, e um exercito de duzentos homens, tal era o territorio, o numero de vassallos, a receita e por ultimo a força armada deste soberano.

Devemos confessar, para sermos verdadeiros em tudo, que o duque parecia á primeira vista o rei de um conto de fadas. Mas o favor das fadas é precioso e vale bem tomar a coisa ao serio: aquellas concederam ao duque de Saxe-Coburgo-Gotha uma existencia feliz e numerosa prole. O que eu não sei é se ellas lhe prometteram tambem deslumbrante futuro para seus filhos. Seja como for, ahí vae o que succedeu.

O duque teve um filho chamado Ernesto que soube agradar a uma princesa das visinhanças, á filha do duque de Gotha. Casou com ella em 1817, herdou o dominio de seu sogro e reinou n'um ducado com o nome de Ernesto I, duque de Saxe-Coburgo-Gotha.

O velho duque teve outro filho de quem foi herdeiro o rei artista, tão querido sempre dos portuguezes, o esposo d'uma rainha constitucional, o pai de dois reis bragantinos, sua magestade el-rei D. Fernando: assim passou á pequena casa allemã a primeira corôa.

O velho duque teve terceiro filho que se chamava Leopoldo e que tambem soube agradar á princesa ingleza Carlota Augusta. Casou com ella em 1816, e como Carlota fosse filha do principe regente, depois Jorge IV, rei de Inglaterra, d'aqui se póde inferir os destinos que esperavam Leopoldo.

«Esta alliança, dizem, as chronicas da época, não tem nenhuma relação com a politica; a escolha da princeza foi unicamente determinada pela sympathia. O principe Leopoldo, com pouco mais de cinco lustros de idade, chamou a attenção em Londres, ha desoito mezes, pela distincção da sua pessoa e dignidade das suas maneiras. É bastante instruido, não só na sciencia militar, mas tambem na da economia politica. Atribuem-se-lhe mesmo diversos escriptos de muita valia. O seu exterior produziu uma impressão favoravel no publico inglez.»

Infelizmente a princeza Carlota morreu de repente em 1817, um anno depois de casada, sem deixar filhos. O principe Leopoldo parecia, pois, perder aquella protecção da sorte que se estendia a todos os membros da sua familia. Bem longe d'isto, estava-lhe reservado ser escolhido por outra mulher e eleito por outro povo. Casou com uma filha do rei Luiz Philippe, e quando este soberano recusou a corôa da Belgica para o duque de Nemours, os belgas acclamaram rei o principe Leopoldo; assim passou á casa allemã a segunda corôa.

O velho duque tambem tinha uma filha, e esta chamada Victoria, casou na idade de dezeseite annos, em 1803, com Erico Carlos de Linange, principe allemão, que nunca devia ser rei. O destino não reservava, pois, os seus prodigos favores á princeza Victoria: succedeu o contrario, viuva em 1814 casou em 1818 com o duque de Kent, quarto filho do rei Jorge III, de quem os filhos viriam a ser os herdeiros presumptivos do throno.

Quando morreu o duque de Kent, em 23 de janeiro de 1820, deixou uma filha. Mas em Inglaterra as mulheres sóbem ao throno: esta filha foi por conseguinte a rainha Victoria. Ainda mais, estava escripto que a casa de Saxe-Coburgo

reinaria ali; um novo principe chegou da Alemanha para casar com a soberana, e este foi seu primo, o principe Alberto, filho do duque Ernesto I.

Em 1840 escrevia-se em Londres que o principe «chamara a attenção dos inglezes pela distincção da sua pessoa e dignidade de suas maneiras.» Dizia-se mais: «é instruido e tem muito discernimento; o seu porte é decente e reservado; tambem soube impressionar favoravelmente o publico inglez; a joven rainha distinguio-o entre um grande numero de pretendentes e dá-lhe a preferencia.»

Assim passou á casa allemã a terceira corôa. Portugal, a Belgica e a Inglaterra tem ou tiveram reis ou rainhas desta familia, e os filhos destes, por meio de novas allianças, vão estendendo por toda a Europa a dynastia pacifica e amada dos Saxe-Coburgo-Gotha.

Mas como, sem ter produzido nem grandes homens de Estado, nem grandes homens de guerra, esta casa conseguiu semelhante exito com tanta constancia? Devel-o-hemos attribuir ao acaso, dizendo que elle preside a tudo n'este mundo? Não!

«A casa de Saxe-Coburgo, diz um escriptor, deve a sua elevada fortuna á duqueza de Kent, de quem a grande influencia foi habilmente secundada pelo rei Leopoldo da Belgica.

«Do que não é possivel duvidar, é que a casa de Saxe-Coburgo proseguio na sua elevação, desaperecebida, sem commoções, sem auxilio estrangeiro, sem que grandes e variados acontecimentos a fizessem conhecida. O que adquirio deve-o ás qualidades sensatas e apreciaveis dos seus membros, á sua acção pessoal, á sua perseverança infatigavel, á sua attenta providencia, á sua grande arte de agradar e seduzir, ao seu tacto instructivo de nunca offender ou irritar alguém, livre sempre de sobrancerias que affugentam a estima dos pequenos, e que nunca são bem vistas da aristocracia.

«Foi com estas qualidades solidas que a duqueza de Kent e o rei Leopoldo alcançaram para sua familia, em poucos annos, tão prodigiosos resultados, que apenas são criveis com relação ao ponto de partida.»

A duqueza de Kent morreu em Londres ha seis annos, sendo universalmente chorada. Toda a cidade manifestou solemnemente a sua estima por meio de inequivocos signaes de respeito e de pesado luto. O commercio suspendeu as suas transacções, fecharam-se as lojas; a Inglaterra tinha perdido uma parente querida. Não menores foram as provas testemunhadas pelo povo de Londres por morte do principe Alberto, ou pelos belgas no recente trespasso do rei Leopoldo, ambos elles da felicissima e sempre adorada dynastia dos Saxe-Coburgo-Gotha.

SOBRE O ESTYLO

Escrever negligentemente, é confessar que não se dá grande valor aos pensamentos, porque da convicção que nós temos da verdade e da importancia das nossas ideas, nasce um enthusiasmo sufficiente para impor ao nosso espirito um cuidado infatigavel na escolha das expressões mais claras, mais bellas, mais energicas;—tal como o que se emprega n'essas reliquias, n'esses preciosos objectos de arte dos receptaculos de ouro e de prata.

A BOCCA DO INFERNO

IX

Chegara o outono, e a senhora morgada não se esqueceu dos banhos do mar. Foi para Cascaes, como era velha usança na familia.

Christina gozava melhor saude. É que a esperança lhe doirava os dias. Tinha fé profunda no futuro, que ella enxergava em roseos horisontes.

Aquelle coração ainda não esterilizado pela influencia dos desenganos, cria e esperava, e a imaginação entusiasta rasgava um campo illimitado aos projectos de felicidade futura.

Era assim que ella ia contando os dias da ausencia, entregue toda á sua namorada fantasia, aos magnificos esplendores da sua brilhante concepção, que levantava palacios de oiro e crystal para morada dos seus amores; que produzia cançoes suavissimos para lhe deliciarem a vida toda passada ao pé de Luiz. Em torno d'aquella fronte intelligente adejavam a fé e o entusiasmo!

Fossem lá desnoivar-lhe o coração d'aquellas illusões! Fossem lá dizer que a separação d'ella e Luiz era possível! Rejeitaria esta idéa, porque o amor lhe fallava de presentimentos deliciosos.

E todavia o mau fado devia inutilisar esses presentimentos; apagar violentamente aquelle entusiasmo; arrancar pela raiz todas essas flores de poesia e de esperança que lhe enchiam a alma de perfumes!

Havia mais de quinze dias que a morgada fôra para Cascaes. O mez de setembro estava tempestuoso, como se o inverno estivera em todo o seu imperio. Nas altas regiões onde se geram as tempestades, durára muitos dias essa lucta de titães que se trava ao som do trovão.

As elegantes, que costumavam nos annos anteriores ir banhar-se na praia á luz de um sol vivificante e convidativo, que vinha affagar-lhes com um raio as humidas tranças, estranhavam muito os luctos de um prematuro inverno. Nem uma só d'essas manhãs claras, em que o oceano se estende como uma planicie esverdeada até aos horisontes, e a onda vem lamber de manso as areias da praia! nem uma só d'essas noites mysteriosas, em que a lua surge do seio das vagas, para se levantar depois, como a deusa do amor e da melancolia, na vastidão lympida e infinita do espaço! Era tudo feio, era tudo triste. Já debaixo dos pés lhe estalavam as folhas seccas do outono, varridas pelo sopro do norte: as ruas dos prados estavam enxarcadas, frias, incommodas!

Eaquellas almasinhas, frescas como a relva dos jardins, puras como a agua dos lagos, tinham de viver encerradas nas suas habitações, olhando atravez dos vidros para o céu nebuloso, para o oceano encapellado, como se fossem rouxinoes presos na gaiola, para os quaes a falta de liberdade é a tristeza, e a morte!

D. Capitolina fôra este anno para Cascaes na companhia da morgada. Esta sympathisava muito com a robusta donzella. Christina era-lhe tambem

afleioada. D. Capitolina como não conseguia já fazer-se heroína de aventuras proprias, dera em protectora dos amores dos outros. Gostava de fallar ás raparigas nos namorados, e n'essas conversações saia-lhes ás vezes do peito um suspiro. Eram saudades do seu tempo, eram as sombras do passado que deslisavam em cortejo por deante dos olhos, mas já com fórmulas vagas e indecisas.

Sabendo que Christina amava, insinuou-se facilmente na alma da rapariga, fallando-lhe de Luiz.

No isolamento em que Christina vivia, o encontro de um coração affavel e amigo, que lhe recebesse confidencias e desafigos pareceu-lhe uma ventura que Deus lhe deparava. Aproveitou-a e D. Capitolina (aparte a monotonia das exclamações) sabia ter palavras consoladoras para taes soffrimentos.

—Olha, minha filha, dizia-lhe ás vezes—nós, mulheres, nascemos para amar e soffrer! Ah! foi a nossa sina cá no mundo! Ah! resigna-te que não ha outro remedio! Ah! foi tambem o meu!...

Um dia estavam ambas sentadas ao pé da janella. Chovia muito. O sul soprava violento e tempestuoso; fuzilava para diversos quadrantes. Nenhum barco saíra ao mar, e até os homens que costumam ir pescar á linha para a borda dos rochedos não haviam podido approximar-se da extremidade da costa.

Christina com a cabeça encostada aos vidros olhava para o céu; as lagrimas corriam-lhe abundantemente.

—Pensas no teu Luizinho? murmurou D. Capitolina.

—Peço a Deus pelos que andam sobre as aguas.

—Ah! não te afflijas, Deus hade trazel-o a porto e salvamento.

—Deus a ouça!

E a pobre rapariga ficava do mesmo modo immovel e muda, invocando a misericordia divina. Chorava. As lagrimas nos olhos da mulher revelam dor ou sentimento; porque ou a elevam á sublimidade da martyr, ou a levantam até a nivelarem com os anjos—fazem d'ella, a imagem pungente do soffrimento, como a Virgem aos pés da Cruz do Filho;—ou a imagem do amor celestial, como a Magdalena abrindo o coração aos sentimentos duros!

De repente entrou um criado na sala dizendo que da Guia se avistava uma galera correndo desmastreada e sem rumo, a sabor do oceano; que de bordo se havia lançado uma lancha ao mar, e que parte da tripulação demandava terra no pequeno barco.

Christina fez-se livida como uma defuncta: o coração dera-lhe um salto no peito.

Duas horas depois chegaram outras noticias e mais aterradoras. Havia um naufragio e victimas a contar d'elle.

(Continua.)

A. D'OLIVEIRA PIRES

O mundo é um circulo que passa da guerra á paz e da paz á guerra.

SENSIBILIDADE DE CONSCIENCIA

Thomaz Curson era um armeiro muito conhecido na cidade de Londres. Morava perto de Bishopsgate. Um dia, um actor pediu-lhe emprestada uma espingarda velha que estava misturada com muitas outras, já fóra de uso, a um canto da loja. Este actor, ordinariamente, não entrava senão em peças comicas; por excepção, tinha de figurar em um drama como soldado. A noite, appareceu em scena, e, como pedia o papel, disparou um tiro; mas, infelizmente, a arma achava-se carregada com balla, havia muitos annos, e o homem que devia fingir-se morto caio, na realidade, ferido mortalmente. Thomaz Curson, ao receber tão triste nova caio em um violentissimo acesso de desespero, e desde logo se considerou responsavel por este accidente, no qual a sua vontade não tinha tido parte alguma, e que havia sobrevindo fóra da sua presença de uma maneira inteiramente imprevisita. No dia seguinte dirigio-se á casa da camara e declarou que dava metade da sua fortuna, muitas centenas de libras, aos pobres, querendo expiar a morte de um homem ajudando a viver o maior numero possível de familias indigentes.

CASTA' DIVA

Era no tempo candido,
Vivaz, risonho e limpido,
Em que o sol surge esplendido
Dourando as illusões!
A primavera flórida
Rescende auras balsamicas:
Passam no ar murmurios,
Notas de mil canções!

Ethereo e casto jubilo
Me transportava o espirito;
Era o exalçar d'um extasis!...
Era um voar ao ceo!!
Librava as azas timidias
Pelos espaços lucidos!...
Sorria a vida placida,
Envolta em roseo veol

Sentia o enlevo intimo!...
—Infinda e alma volupia!—
Hauria o alento vivido
Da esp'rança festival!
E a alma desprendia-se,
Pela amplidão cerulea
No fluctuar diaphano
De um sonho virginal!

E então no sanctuario
Dos intimos anhelitos
Vibrava ardente e energica
A voz da inspiração!
Vinha outras vezes languida
Como um segredo ingenuo,
Nas horas do crepusculo,
Fallar-me ao coração!

Mas, oh!... passou bem rapido
Da aurora o roseo idyllio,
Como é furtivo o hálito
Da flor do laranja!...
Qual da toada o frémito
Resoa apoz o cantico,
Saudade melancholica
Exhala o idéal!

Sumio-se a visão fulgida
Deixando a sombra pallida,
Como o luar seguindo-se
A luz de sol vivaz!
Desfez-se o encanto magico,
Bem como a espuma fervida
Que á flor da vaga tímida
Rebenta, e se desfaz!

Cessou a alegre musica...
E da alma a branda cythara
Soltou vago prelude;
Mas logo emmudeceu:
Em vez dos hymnos módulos
Veio o silencio lugubre...
E então, não sei que angustia
Meu peito confrangeu.

Por que fugiste pudica,
Ó mensageira sylphide
Dos vividos effluvios
Do deus revelador?!
Triste na ausencia... evoco-te...
Oh! vem, de novo, próvida,
Fazer-me as confidencias
Do matutino alvor!

Trazendo a esp'rança mystica
Do peito ao tabernaculo
Desce, qual pomba incolume
Voltando da amplidão!...
Ou vem outra vez languida,
Suave e melancholica,
Nas horas do crepusculo,
Fallar-me ao coração!

JOÃO M. TEDESCHY.

Abril de 1866.

DIVISÃO DO TEMPO

Os chinos contam por cyclos de 60 annos começando tres seculos antes de J. C., época em que se adoptou este systema.

Os annos compõem-se do mesmo numero de dias que os nossos. Este anno de 1866 é o 63 do cyclo 73.

Tambem computam o tempo como alguns povos da Europa; isto é, escrevendo, que tal successo teve lugar no terceiro dia da segunda lua do anno 27 de Kien-Lung.

O dia é dividido em 12 partes e cada uma d'estas em 8 mais pequenas, equivalentes ao nosso quarto de hora de 15 minutos.

Geralmente servem-se dos relógios europeus.

Os seus relojoeiros fabricam-n'os de madeira. Os homens trazem os relógios suspensos da cintura. A moda é usar dois, um de cada lado; isto explica o motivo porque n'aquelle paiz se vendem sempre os relógios aos pares.

Tambem possuem quadrantes solares. Parece que aprenderam a construil-os com os missionarios europeus.

Desde tempos muito antigos teem relógios que marcam as horas por meio da agua, como nós temos os de arêa; porém não ha semelhança alguma entre uns e outros.

O modo mais geral de marcar as horas consiste em queimar uma especie de vara de incenso, posta perpendicularmente em um castiçal. O pedaço de vara queimado indica o tempo que se passou.